



FAMILIARE INSTITUTO SISTÊMICO

Título

No Meio do Caminho havia uma Pedra: o que fazer quando um segredo familiar surge durante um processo terapêutico?

Trabalho apresentado ao Familiare Instituto Sistêmico para conclusão do curso de Especialização em Terapia Relacional Sistêmica

Aluna

Viviane Cruz Perugini

Orientadora

Denise Duque

2008

RESUMO

Segredo familiar é um tema que desperta curiosidade nas pessoas e cada família encontra formas particulares e únicas de lidar com o assunto. Por trás dos segredos escondem-se sentimentos contraditórios e fantasias perturbadoras que rondam muitas famílias e por isso envolve a complexidade humana e os contextos nos quais os indivíduos estão inseridos. Ao longo do ciclo de vida familiar e individual o segredo sempre esteve presente, porém pouco focado pelos terapeutas de família. A literatura nesta área é bastante escassa e predominantemente estrangeira. No Brasil, poucas referências e estudos teóricos são encontrados. Este trabalho teve como objetivo refletir a cerca do tema segredos familiares identificando alguns aspectos emocionais e éticos envolvidos na revelação. Trata-se de um estudo de caso voltado à descrição de fenômenos em que a análise dos dados é predominantemente qualitativa. A cliente tinha 21 anos de idade, os encontros foram semanais e individuais sendo que, uma entrevista também individual, foi realizada com sua mãe. O trabalho foi orientado com base no referencial teórico do pensamento sistêmico. A pesquisa mostrou que a intensidade dos sentimentos em relação ao segredo dificilmente pode ser disfarçada. O próprio ato de mantê-lo gera ansiedade na família que permanece cautelosa contra a revelação evitando assuntos e distorcendo informações. A existência de segredos pode trazer muitos significados, afetar as relações interpessoais e desestabilizar vínculos, ocasionando possível disfuncionalidade no sistema familiar. Quando a revelação ocorre é freqüente que possua efeitos dramáticos, porém positivos sobre os relacionamentos interpessoais e individuais. O estudo constatou ainda que falar de segredos significa lidar com a sensibilidade humana, pois envolve pessoas que amamos e que, de alguma maneira, nos decepcionam gerando sentimentos confusos e ambivalentes. A supervisão clínica com colegas e profissionais da área foi de extrema importância durante todo o processo psicoterápico. Assim como este, outros casos de segredo surgirão na prática privada daqueles que trabalham com indivíduos ou famílias. Espera-se poder contribuir com a experiência adquirida chamando especial atenção para as questões relativas à ética profissional, à necessidade de respeitarem-se as características específicas de cada caso e o ritmo pessoal das pessoas envolvidas com os segredos e com o processo de revelação dos mesmos. Respeitar as individualidades e os diferentes contextos familiares foram grandes aprendizados.

Palavras chaves: segredos familiares, paternidade biológica e ética profissional.

ABSTRACT

Family secret is a theme that instigates curiosity on people, and each family find particular ways to deal with it. Behind the secrets that involve many families, contradictory feelings and disturbing fantasies are hidden, and because of that, this topic involves the human complexity and the context in which the individuals are inserted. Throughout the individual and the family life cycle secrets have been always present, although not really focused by family therapist. The literature in this area is poor, and what is available is predominantly from other countries and written in foreign languages. In Brazil, few references and theoretical studies are found. This work aimed to reflect on the theme Family Secrets, identifying some emotional and ethic aspects involved in the revelation act. This research presents a case study based on the phenomenon description, having the data analysis as predominantly qualitative. The client was 21 years old and the meetings were held weekly and individually; one interview also held individually was applied to the client's mother. This case study was based on the theoretical reference of the systemic thoughts. The research showed that the intensity of the feelings regarding the secret rarely can be disguised. The act of trying to keep a secret raises anxiety in the family, and they, consequently, act cautiously against revealing the secret and therefore avoiding certain topics and distorting information. The existence of secrets can bring many meanings, affect interpersonal relations, and disestablish family bonds, possibly causing malfunctioning in the family system. When the revelation occurs it is frequently accompanied by dramatic effects, although positive towards interpersonal and individual relationships. The study has also shown that talking about secrets means to deal with the human sensibility, since it involves people that we love, and that, at one point, have disappointed us raising ambivalent and confused feelings. The clinical supervision done with colleagues and professionals from the area was extremely important during the psychotherapy process. Like this, other cases will emerge in the private practice of the ones who work with individual or families. The intention is to contribute to the field with the acquired knowledge, calling special attention to issues related to professional ethics, the necessity to respect specific characteristics of each case, and the personal rhythm of the people involved with the secrets and their revelation. Respecting the individualities and the different family contexts were a great lesson during the research process.

Key words: family secret, biological paternity, and professional ethic.

Sumário

RESUMO	2
ABSTRACT	3
1. INTRODUÇÃO	5
2. OBJETIVOS	7
2.1 Objetivo Geral	7
2.2 Objetivos Específicos	7
3. METODOLOGIA	8
4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
4.1 O Pensamento Sistêmico e a Família	9
4.2 Segredos na Família e na Terapia Familiar	13
5. RELATO DO CASO CLÍNICO	17
5.1 Período inicial do processo terapêutico	17
5.2 Uma entrevista com a mãe	21
5.3 Um telefonema com a psicóloga da mãe biológica	23
5.4 Retomando a terapia com AS	24
6. Genograma da família	29
7. IMPRESSÃO PESSOAL DO TERAPEUTA	30
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35
Apêndice 1	37

1. INTRODUÇÃO

O trabalho em escopo trata de um caso clínico iniciado em julho de 2006, com uma jovem universitária de 21 anos de idade, que chegou ao consultório por indicação de uma amiga que se encontrava em Psicoterapia.

O estudo aqui proposto é o recorte de um processo terapêutico do qual a queixa inicial não estava voltada a Segredos Familiares. Inicialmente a cliente buscou apoio psicológico por sentir uma grande angústia no peito, vontade de chorar sem motivos aparentes e temia por uma depressão. As queixas relatadas vinham acompanhadas de conflitos vividos em função do “*stress*” da vida acadêmica e questionamentos sobre o futuro profissional.

No entanto, no decorrer dos atendimentos, a mãe da cliente, numa entrevista individual com a psicóloga, revelou um segredo referente à paternidade biológica da filha. O processo psicoterápico, a partir de então, ficou prejudicado não tanto pela revelação do segredo, mas sim pela maneira inesperada como foi revelado pela mãe no *setting* terapêutico, única e exclusivamente à psicóloga.

A ausência da cliente que, além de ser a pessoa chave do segredo, já havia criado um vínculo com a terapeuta, levantou uma questão ética e relacional que permeia a prática clínica. Continuar os atendimentos individuais guardando um segredo da cliente era o mesmo que estar com as mãos atadas e não cabia à terapeuta a responsabilidade da revelação.

O psicólogo pode ser convidado a participar de um segredo, mas não se tornar confidente dele, como ocorre quando um membro da família conta um segredo ao terapeuta, mas o proíbe de revelá-lo a outros (Imber-Black, 1994).

Com o intuito de pedir ajuda e elucidar a trajetória psicoterápica a ser percorrida dali em diante, o caso foi encaminhado para supervisão. Ao estudar a temática “segredos” constatou-se que a literatura nesta área é bastante escassa e predominantemente estrangeira. No Brasil, poucas referências e estudos teóricos são encontrados, embora a prática clínica esteja permeada de segredos.

Seguindo este pensamento, Imber-Black (1994) afirma que por volta da década de 50 e início de 60, com o aflorar da abordagem sistêmica, os segredos familiares assumiram um

papel fundamental no contexto terapêutico. Anteriormente o tema segredo não era observado como um problema, sendo estritamente esclarecido entre cliente e terapeuta.

Falar de segredos significa lidar, diretamente, com a sensibilidade humana, pois envolve pessoas que amamos e que, de alguma maneira, nos decepcionam gerando sentimentos confusos e ambivalentes.

A existência de um segredo pode trazer à tona muitos significados, afetar as relações interpessoais e desestabilizar os vínculos, ocasionando possível disfuncionalidade no sistema familiar. Segundo Reck (2007), este fenômeno merece destaque pelo poder intrínseco de dividir as pessoas, intimidar novos vínculos e paralisar o desenvolvimento emocional em fases de transição no ciclo de vida tanto individual quanto familiar.

A inquietação pessoal, a demanda advinda do consultório psicoterápico e a dificuldade em atender famílias com segredos, foram propulsoras para o desenvolvimento deste trabalho e surge com o questionamento: o que causa, o que sustenta e o que faz perpetuar os segredos já que acarretam prejuízos nos relacionamentos interpessoais?

Este trabalho está organizado em cinco partes: na primeira são apresentados os objetivos e a metodologia; na segunda a fundamentação teórica; na terceira o relato do caso clínico contendo: período inicial do processo terapêutico; entrevista com a mãe; telefonema com a psicóloga da mãe e retomada da terapia com a cliente. Na quarta parte está o genograma da família e a quinta trata da impressão pessoal do terapeuta ao atender o caso.

2. OBJETIVOS

2.1 *Objetivo Geral*

- Refletir a cerca do tema Segredos Familiares através de um estudo de caso clínico.

2.2 *Objetivos Específicos*

- Identificar alguns dos aspectos emocionais envolvidos nas relações familiares diante da revelação de um segredo;
- Discutir questões éticas quanto aos limites do psicólogo que se vê envolvido na revelação do segredo.

3. METODOLOGIA

Trata de um estudo de caso, conforme define Gil (2002), voltado para a descrição de fenômenos em que sua utilização maior é em estudos exploratórios e descritivos. O próprio caso se constitui como objeto da pesquisa e o que se espera alcançar é conhecê-lo em profundidade, sem qualquer intenção em desenvolver alguma teoria. A análise dos dados, segundo o autor, pode envolver diferentes modelos, mas é natural que seja predominantemente qualitativa.

O relato dos atendimentos aqui apresentado é o recorte de um processo terapêutico maior. Os encontros foram individuais, a cliente era uma jovem universitária apresentando, no momento das consultas, 21 anos de idade. Apenas uma entrevista, também individual, foi realizada com a mãe da cliente.

As sessões com a cliente iniciaram semanalmente em meados de julho de 2006. O segredo revelado pela mãe à psicóloga ocorreu numa única entrevista, no final do mês de novembro do mesmo ano. Para trabalhar a revelação e os aspectos emocionais envolvidos, foram aproximadamente 8 consultas individuais com a cliente.

Como forma de mapear o tempo cronológico, o ciclo de vida familiar e vislumbrar o caso sob a óptica transgeracional, foi utilizado como ferramenta o genograma. Conforme explica McGoldrick e Gerson (1995), os genogramas são representações gráficas da história e do padrão familiar, identificando a estrutura básica, a demografia, o funcionamento e os relacionamentos familiares.

Uma vez que este é um trabalho de cunho científico e permeia aspectos éticos e profissionais do pesquisador, a cliente teve que, necessariamente, assinar o termo de Consentimento Livre e Esclarecido (apêndice 1).

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 *O Pensamento Sistêmico e a Família*

Segredos familiares é um tema que costuma despertar curiosidade entre as pessoas e cada família encontra maneiras particulares e únicas de lidar com esse assunto. Embora seja uma temática estimulante, por trás dos segredos estão escondidos sentimentos contraditórios e fantasias perturbadoras que rondam muitas famílias.

Estudar o segredo no grupo familiar não é uma tarefa fácil, pois envolve a complexidade humana e os contextos nos quais os indivíduos estão inseridos. No caso, por se tratar de um trabalho de conclusão de curso da formação em terapia relacional sistêmica, buscou-se o referencial teórico pautado na ciência novo-paradigmática ou sistêmica.

A teoria sistêmica, segundo Vasconcellos (2002), é um novo paradigma da ciência do qual o meio é considerado complexo, instável e subjetivo. O pensamento sistêmico tem se apresentado como uma nova maneira de pensar cientificamente. Quebra a barreira do paradigma tradicional mecanicista e propõem uma nova maneira de ver e pensar o mundo, dando ênfase nas relações, conexões e interações dos sistemas vivos.

Na terapia familiar os segredos são considerados fenômenos sistêmicos, pois compreendem um processo complexo que inclui o intrapsíquico, o psicossocial e o transgeracional podendo afetar o relacionamento em seu presente, passado e futuro. Imber-Black (1994) contribui afirmando que os segredos incluem contextos sociopolítico, econômico, cultural, religioso, moral, político, de meios de comunicação, de saúde (mental e educacional), família imediata e de múltiplas gerações.

Na ciência novo-paradigmática, as relações e interações que dão coesão ao sistema transmitem um caráter de totalidade ou globalidade. O mundo é visto em sua complexidade no qual tudo e todos estão conectados. Sob esta óptica, o todo é mais do que a soma das partes e é exatamente a noção de totalidade que compreende o fenômeno (VASCONCELLOS, 2002).

Constituindo o sistema, a interação torna cada parte relacionada às demais, ou seja, uma alteração numa delas ocasionará mudança nas outras. Assim, a existência de interação identifica o sistema como elementos interdependentes e não simplesmente num aglomerado de partes isoladas.

Contribuindo para esta idéia, Papp (1992: p. 22) afirma que: “cada parte só pode ser entendida no contexto do todo; uma mudança em qualquer uma das partes afeta todas as outras partes e o todo se regula através de uma série de correntes de *feedback* que são classificados como circuitos cibernéticos”.

Um sistema pode ainda se apresentar como aberto ou fechado. Aberto é quando há troca de informação, um contínuo fluxo de energia e matéria extraídas do meio ambiente para permanecerem vivos. E fechado quando não interage com o ambiente que o cerca (CAPRA, 1996).

Aplicando os conceitos-chaves do pensamento sistêmico à prática clínica, Papp (1992) descreve dentro ainda destes, que o foco de atenção está nas conexões e relações muito mais do que nas características individuais da pessoa. Isso significa que nenhum evento ou parte dele é causador de outro de forma linear, mas sim que cada comportamento está ligado de maneira circular a muitos outros eventos.

Quanto à circularidade dos eventos no contexto dos segredos, Imber-Black (1994) lembra que são dilemas éticos que não se podem resolver através de “regras” simples, pois sua revelação pode ter efeitos curativos para alguns indivíduos e certos relacionamentos, enquanto que para outras pessoas a revelação pode acarretar perigo principalmente se envolvidas questões de segurança física.

Eventos comportamentais constroem, ao longo do tempo, padrões constantes e repetitivos que funcionam com o propósito de equilibrar a família permitindo assim que ela evolua de um estágio de desenvolvimento para outro. Todo o comportamento, até mesmo o sintoma, estabelece e mantém esses padrões. Estamos diante do conceito de homeostase que, segundo a autora acima citada surge com o objetivo de manter o equilíbrio e fornecer estabilidade ao sistema.

Quanto à homeostase, Papp (1992: p. 22-23) afirma que:

“Esta função reguladora é considerada mais importante do que o comportamento ou sintoma, como uma entidade dentro e fora de si mesma. O interesse primário do terapeuta é com o uso do comportamento e em como a função de uma parte do comportamento está ligada com a função de uma outra parte do comportamento a fim de preservar o equilíbrio familiar... antes de tentar entender a causa do comportamento, o terapeuta tenta entender a flutuação do padrão do qual ele tira seu significado”.

Na melhor das hipóteses, como afirma Laird (1994) os terapeutas familiares têm a tendência de investigar os segredos como manobras de manutenção da homeostasia ou manobras defensivas e, na pior das hipóteses, como fenômenos negativos e destrutivos ligando a família de modos rígidos e disfuncionais e mantendo paradoxos e interesses de poder.

No âmbito da teoria sistêmica a família é considerada, segundo Minuchin (1982), como um sistema complexo, constituído por subsistemas integrados e interdependentes que estabelecem uma relação com o contexto sócio-histórico-cultural no qual está inserida.

Conforme Vasconcelos (2002) na família define-se funções para cada membro havendo assim regras, valores e relações hierárquicas que impõem as diferenças de poder entre as pessoas. Implicitamente, certos segredos definem a hierarquia nos relacionamentos familiares (IMBER-BLACK, 1994). As tensões de quem decide por quem, levam diretamente a discussão sobre o poder e sua ausência.

Considerada como um sistema complexo, a família está em constante transformação. Assim como uma criança que nasce passa por diversos estágios de desenvolvimento até que um dia morre, também a família se desenvolve passando por vários estágios nos quais os papéis que cada membro exerce vão se modificando enquanto a família se organiza (WALDOW, 2007).

As etapas pelas quais a família passa ao longo de sua existência é denominada por Carter e McGoldrick (1995) de ciclos de vida familiar. As autoras identificam seis etapas principais pelas quais as famílias transitam no decorrer da vida: o jovem adulto solteiro, a união de famílias no casamento – o novo casal, famílias com filhos pequenos, famílias com adolescentes, lançando os filhos e seguindo em frente e estágio tardio da vida. Porém, em função do estudo de caso tratar mais

especificamente do ciclo de vida do jovem adulto, a esta etapa será dada uma maior atenção.

A fase de vida do jovem adulto é considerada pelas autoras como um marco na transição familiar. Requer do jovem uma separação frente à sua família de origem sem, contudo, romper relações ou fugir reativamente para um refúgio emocional. Este é um momento em que se estabelecem objetivos de vida pessoais e de construção de “*self*” antes de juntar-se a outra pessoa para formar um novo subsistema familiar.

Para Aylmer (1995) esta fase compreende o adulto solteiro com aproximadamente vinte anos de idade e, neste estágio, o indivíduo tem sido muito pouco explorado pelos terapeutas de família. Visto por este ângulo o caso em estudo é um presente para os terapeutas familiares e, principalmente, para a psicóloga que atendeu e atende com frequência em seu consultório pessoas que vivenciam esta etapa da vida.

Os relacionamentos hierárquicos tendem a mudar nesta fase do ciclo vital uma vez que todos se tornaram adultos. Carter e McGoldrick lembram que esta mudança requer uma forma de relacionamento respeitosa e pessoal em que os jovens adultos podem encarar seus pais como eles são sem, necessariamente, precisar transformá-los no que eles não são e sem culpá-los por aquilo que não puderam ser.

O indivíduo neste estágio se depara com responsabilidades que antes eram divididas com os pais. Com o limiar da vida adulta, surgem as tomadas de decisões e necessitam experimentar novas possibilidades que, conforme Aylmer (1995) refere-se à capacidade de viver de modo independente, mantendo-se, cuidando-se, controlando seus gastos financeiros, enfim, manejando sua própria vida.

Certamente esta não é uma fase de muitas facilidades e por isso foi admirável observar a disposição que a jovem cliente tinha para arriscar, sempre progredindo em seu desenvolvimento de independência e identidade. A progressão satisfatória deste ciclo, sob o olhar de Aylmer (1995), depende necessariamente da forma como os pais irão lidar com a independência e autonomia dos filhos. Aqueles pais que melhor resolveram sua história de separação, intimidade e identidade pessoal em relação às próprias famílias de origem terão maior facilidade em responder às questões desta fase.

Este ciclo de transição parecia ser bem resolvido e saudável na família entrevistada havendo o que Bowen (1979) denomina de alto grau de diferenciação do eu e da *massa indiferenciada do ego familiar*. Segundo este autor o grau de dependência afetiva dos filhos em relação a seus pais pode ser compreendido em um contínuo que vai da dependência afetiva absoluta, caracterizada por um estado fusional e pelo comprometimento com as necessidades afetivas, tensões e ansiedades circulantes no ambiente familiar até a conquista de independência afetiva e aquisição de autonomia e diferenciação.

Naquele sistema se respeitavam as escolhas da jovem adulta referentes à carreira profissional e crescimento pessoal. Apesar de ainda depender economicamente dos pais isto não afetava sua segurança e auto-estima. Por um lado, a ela era permitido viver de maneira independente, mantendo-se, cuidando-se, controlando-se financeiramente, enfim, manejando sua própria vida e por outro se percebia esforço da jovem em não se deixar envolver nos problemas conjugais e relacionais de seus familiares.

4.2 Segredos na Família e na Terapia Familiar

Ao longo do Ciclo de vida familiar e individual o segredo sempre esteve presente, porém muito pouco focado pelos terapeutas de família. Imber-Black (1994) atribui a escassa literatura deste tema no campo da terapia familiar à recente prática clínica que, no final dos anos 50 e início dos anos 60 se ocupava em diferenciar-se da psicanálise e construir seu próprio campo e método.

Segundo Duque (2005) os terapeutas de família daquela época passaram a ignorar a história passada das pessoas envolvidas e a acreditar que a ação terapêutica deveria centrar-se no aqui e agora, no presente. Trabalhavam exclusivamente com padrões de comunicação, criavam estratégias que facilitavam a mudança ou construía novas narrativas com o intuito de dissolver os problemas trazidos pelas famílias. No entanto, a autora considera esta uma atitude extrema que, de certa forma, exclui a possibilidade de desenvolver a prática clínica com recursos valiosos decorrentes da compreensão da lógica interna dos sistemas avaliados. “O terapeuta pode transformar suas intervenções quando trabalha *analiticamente* dentro do sistema, associando à compreensão sistêmica a leitura psicodinâmica de fenômenos, tais como

repressão, negação, introjeção, projeção, entre outros, utilizando-os como recursos para melhor *compreender* o jogo interacional” (DUQUE 2005: p.87).

Conforme Imber-Black (1994), para lidar com segredos no campo da terapia familiar é imprescindível que o terapeuta examine seus próprios valores em relação à manutenção do que é secreto, seja franco e programe metodologias tanto éticas quanto efetivas. A supervisão clínica com profissionais da área foi uma ferramenta eficaz para tratar dessas questões, principalmente para a psicóloga, que se viu encurralada diante da revelação que ocorreu numa entrevista individual com a mãe da cliente.

A presença de um segredo pode afetar os relacionamentos. A autora acima citada afirma que em alguns sistemas terapêuticos o profissional pode ser convidado a participar de um segredo, mas se tornar ineficaz, mas se tornar ineficaz devido a confidencialidade exigida por um dos membros da família ao profissional encarregado pelo caso.

Os conteúdos dos segredos possuem diferentes significados para cada família e para cada terapeuta, por isso derivam de concepções que envolvem crenças sociais, culturais e religiosas. Além de mitos e tabus que muitas vezes encontram-se carregados de culpa e vergonha na família, o medo da revelação e dissolução da família alimenta o processo de manutenção do segredo.

Para Imber-Black (1994) existem **conteúdos positivos**, tais como segredos temporários que envolvem rituais, presentes, adolescentes que escondem dos pais alguns segredos a fim de se diferenciarem dos mesmos e segredos carinhosos entre casais. Em contrapartida os **conteúdos nocivos** podem causar desgastes nos relacionamentos. Estes definem, implicitamente, a existência de hierarquia nos relacionamentos. Quando uma pessoa possui informações fundamentais a respeito de áreas que afetam diretamente a vida de outra pessoa e escolhe privar-se da revelação surgem relações de poder e impotência. A mãe da cliente, no caso apresentado, guardava em segredo a verdadeira paternidade biológica de sua filha e optou por manter em sigilo esta informação durante 21 anos. Segundo a autora, na maior parte das vezes os segredos nocivos são ações ocorridas no passado, frequentemente têm longa duração e exigem muita cautela do profissional para lidar com sua revelação e consequência.

Metaforicamente, Laird (1994) considera os segredos que mantêm padrões nocivos e desequilíbrios opressivos do poder como “arma” destrutiva na vida familiar. Ao mesmo tempo em que mantêm seus membros unidos, intimidados e iludidos em relação aos objetivos latentes por poder e ganho pessoal, proporciona desumanidade e destruição a outros membros da família.

Os efeitos dos segredos exercem influência nos processos comunicacionais da família. Durante os primeiros atendimentos, mesmo sem imaginar a existência de um segredo, a cliente se queixava da fuga da mãe a determinadas perguntas referentes a sua história e origem. Imber-Black (1994: p. 25) diz que a presença de segredos nocivos pode limitar conversas, capacidade da família em solucionar problemas ou questões desenvolvimentais normais podem ser prejudicadas. Acrescenta que:

“Quando os relacionamentos encontram-se atrelados a um segredo, todo o estilo de comunicação de uma família pode tornar-se marcado pelo fato de manter o segredo em áreas totalmente alheias ao segredo original. Tanto as mentiras deliberadas quanto as informações retidas podem erodir a confiança interpessoal e a confiabilidade nos relacionamentos”.

Compartilhar com os filhos informações sobre sua história de vida e fatos que objetivaram esta trajetória requer dos pais particular atenção e sensibilidade. Segundo Papp (1994), os problemas surgem quando a sensibilidade e o julgamento natural dos pais são alterados pelo significado que atribuem ao tema interferindo na capacidade de comunicarem-se sobre ele.

Mesmo que desperte sentimentos de culpa e vergonha do passado, na maioria das vezes o segredo é mantido pelos pais por considerarem desnecessária sua revelação ou até mesmo com a intenção de proteger os filhos. Neste sentido, Papp (1994: p.82) afirma que:

“Os pais podem ter as melhores intenções ao esconder informações sobre si mesmo ou sobre outros; com frequência, não desejam manchar a imagem acarinhada dos filhos a seu respeito, ou criar desilusões. Os pais podem relutar em revelar algum evento humilhante ou traumático de seu passado, tal como aprisionamento, um caso romântico secreto, um aborto, ou hospitalização psiquiátrica. Sob certas circunstâncias, pode ser sensato ser discreto, mas se a informação está causando grande sofrimento mental e

emocional a quem a guarda, a criança experienciará o sofrimento sem qualquer modo de decodificá-lo”.

A intensidade dos sentimentos em relação ao segredo dificilmente pode ser disfarçada. O próprio ato de manter o segredo gera ansiedade na família que se mantém cautelosa contra a revelação evitando assuntos e distorcendo informações.

Quando a revelação de um segredo ocorre no ambiente familiar é freqüente que possua efeitos dramáticos, porém positivos sobre os relacionamentos interpessoais e individuais. Para tanto, Imber-Black (1994) realça que neste momento é necessário um grande trabalho terapêutico para restauração da confiabilidade, trabalho com a raiva e com outras questões e sintomas decorrentes da revelação.

5. RELATO DO CASO CLÍNICO

5.1 *Período inicial do processo terapêutico*

Uma jovem¹ de 21 anos de idade chega ao consultório acompanhado de uma amiga, que já se encontrava em psicoterapia com a psicóloga, a fim de pedir informações sobre psicoterapia. Relata neste primeiro contato que se sentia angustiada, sem motivação para realizar as atividades do dia a dia, cansada da correria da vida acadêmica e precisava organizar seu tempo para administrar melhor o seu cotidiano.

A princípio, não agendou nenhuma consulta, mas ficou com o cartão de visita da psicóloga para entrar em contato em outra oportunidade. Optou por conversar primeiro com os pais e perguntar da possibilidade de ambos para arcarem com mais este gasto, já que ela morava sozinha e, sem trabalhar no momento, dependia dos pais financeiramente.

Passados uns dez dias, AS ligou para o consultório e agendou a primeira consulta. Era 12 de julho de 2006 e a queixa trazida por ela foi uma grande angústia, aperto no peito, vontade de chorar sem motivos aparentes, o que a fazia temer que se tratasse de uma depressão.

Conforme Robert (1995), estes sintomas podem aparecer no estágio de ciclo de vida do jovem adulto em que fisicamente se separam dos pais e iniciam atividades de trabalho ou focam nos estudos universitários. No caso, AS estava vivendo um momento muito agitado de sua vida em função do estresse da universidade e questionamentos sobre o futuro profissional.

Aparentemente não demonstrava tristeza, falta de energia ou perspectiva na vida. A impressão que causava era de uma jovem procurando um rumo e uma forma de organizar melhor as demandas advindas da universidade em função do excesso de trabalhos e provas.

O autor acima citado relata que a fase de desenvolvimento do jovem adulto é uma tarefa árdua acompanhada de sentimentos ambíguos e que por isso requer doses de coragem, energia e disposição para arriscar. Características estas que resplandeciam na cliente que demonstrava ser muito ativa, gostava de aventuras e passeios ecológicos. Durante o período

¹ Por questões de sigilo ético profissional a cliente será identificada por AS

de verão costumava trabalhar como guia turístico em reservas naturais da cidade, o que lhe proporcionava, em alguns momentos, certa independência econômica. No ano de 2005 colocou uma mochila nas costas e, com seu próprio dinheiro, foi-se aventurar nos Estados Unidos. Porém, a atual rotina de aulas em período integral diminuía a possibilidade de desfrutar de momentos de lazer.

AS demonstrava estar apreensiva em tirar boas notas e com isso retribuir aos pais todo o investimento financeiro e emocional proporcionado por eles. Segundo Aylmer (1995) a escolha profissional e o ingressar numa universidade acarretam sentimentos de estresse e ansiedade. As expectativas dos familiares podem inibir uma diferenciação do eu. Neste período de transição é muito comum o jovem adulto buscar conselhos dos pais e se tornar orgulho para eles.

Na cliente em questão, que já estava comprometida com a escolha profissional, não existia cobrança explícita por parte dos familiares em tirar boas notas, pelo contrário a acalmavam procurando fazer com que ela não se preocupasse tanto com notas, mas sim com seu aprendizado.

Os pais de AS foram namorados na juventude, mas nunca se casaram. A mãe² engravidou e foi morar com a atual companheira³ após, aproximadamente, dois anos do nascimento da filha. Ambas criaram e educaram AS que sempre foi desejada. O pai⁴, apesar de não ter-se casado com a mãe, assumiu a paternidade. Atualmente ele é casado e tem outros três filhos.

Criada numa família que ela mesma dizia alternativa e diferente das tradicionais, AS não se incomodava com a bissexualidade das mães⁵. Contrapondo McGoldrick (1995), as mães não se envergonhavam da escolha sexual e fizeram com que o relacionamento se tornasse público e suas famílias de origem pareciam respeitar as fronteiras sem que elas sentissem necessidade de se distanciar da família.

² A mãe será identificada no texto como AB

³ A companheira da mãe, considerada pela cliente a segunda mãe, terá o pseudônimo de CD

⁴ O pai da cliente será chamado no trabalho por DI

⁵ “As mães” é um termo utilizado pela própria cliente ao se referir à mãe biológica e sua companheira.

A escolha dos pais em viver e educar AS num ambiente alternativo possibilitava a ela uma liberdade de escolha intrigante. Como afirma Aylmer (1995), nas questões de independência, os pais que resolvem melhor suas fases de separação, intimidade e autonomia em relação às suas famílias de origem e constroem uma identidade pessoal terão mais facilidade em dar respaldo a seus próprios filhos nesta fase.

Além da comodidade de residir perto da Universidade, outro motivo que levou AS a morar sozinha foram algumas brigas das mães. Mesmo não sendo brigas freqüentes, as mães a colocavam no meio da discussão parecendo pedir que ela julgasse qual das duas estava certa. Conforme Minuchin (1982), a separação e individuação ocorrem através da participação da pessoa em diferentes subsistemas e contextos familiares, tanto quanto através da participação em grupos extrafamiliares. O sentido de identidade individual é influenciado pelo pertencimento a diferentes grupos.

Neste processo de diferenciação de si mesmo em que AS se encontrava, é indispensável citar Bowen (1979). O autor explica que um sistema emocional funciona por meio de um equilíbrio em que cada componente do sistema dedica determinada quantidade do seu ser e de si mesmo para o bem estar dos demais. No caso, a cliente conseguia entrar e sair do sistema familiar sem se deixar envolver num triângulo relacional referente às brigas das mães. Conforme o autor, os triângulos são a base de todos os sistemas emocionais, entretanto a triangulação é problemática. Quando o nível de tensão aumenta entre duas pessoas a tensão é facilmente transmitida a uma terceira pessoa, em geral aquela que estiver mais comprometida com o que ele denomina *massa indiferenciada do ego familiar*. Este comprometimento afetivo com a *massa indiferenciada do ego familiar*, segundo ele é variável entre os diferentes membros do sistema e segue um contínuo que vai de um estado de completo envolvimento emocional (estado fusional) à diferenciação do eu (conquista de autonomia e independência afetiva).

Algumas atitudes da mãe biológica provocavam inquietação na cliente. A mãe parecia uma mulher individualista e de poucas conversas. As respostas eram curtas e muitas vezes vinham acompanhadas de outra pergunta. AS queixava-se da frieza da mãe com ela e muitas vezes também com CD, que se preocupava com os cuidados primários da infância como brincadeiras, tarefas escolares, vestuário e outras necessidades básicas para se educar uma criança.

O contato com o pai sempre foi de muita harmonia e admiração. Não se encontravam diariamente, mas a figura paterna era um grande apoio emocional que tinha. Longas conversas ocorriam entre pai e filha além do enorme carinho que AS tinha com os irmãos e a esposa do pai. Os finais de semana na casa de DI eram repletos de muita alegria e brincadeiras com os irmãos.

Num dos encontros, AS comentou com a psicóloga que sua mãe biológica gostaria de agendar uma consulta. Perguntado qual o motivo desta consulta com a mãe, a cliente relatou não saber, mas supôs que fosse para desabafar algo sobre a relação de AB com sua companheira CD, pois no momento encontrava-se em conflito. Pensava que seria bom para a mãe comparecer à consulta e não se incomodaria da profissional realizar a entrevista mesmo sem a presença da cliente.

A terapeuta nesse momento diz que não atenderia a mãe individualmente, exceto na presença da filha que era a cliente. Porém AS se recusou vir à consulta acompanhada da mãe porque não gostaria de se envolver nos conflitos das mães e afirmou que não via problema algum na mãe querer conversar com a profissional.

A partir da negativa em comparecer à consulta juntamente com a mãe, a terapia se manteve individual. Como lembra Mendonça (2006), tal escolha não impede de trabalhar de forma sistêmica com a cliente, mesmo sem a presença física de familiares. A questão não parece estar na presença ou não da família no consultório, mas sim do olhar do terapeuta que deve estar voltado para a dinâmica relacional e circular do contexto familiar.

No dia seguinte a psicóloga recebe um telefonema da mãe biológica solicitando uma consulta individual. Novamente foi explicado que não seria possível realizar o encontro sem a presença de AS, pois seu vínculo com a terapeuta poderia ser afetado. A mãe, ao insistir, diz que a conversa que ela gostaria de ter não tinha nada a ver com a filha, seria simplesmente para esclarecer algumas coisas pessoais na intenção de auxiliar no processo terapêutico de AS. Afirmou ainda que este telefonema, com o interesse em conhecer pessoalmente a psicóloga da filha, foi sugerido pela psicóloga⁶ da mãe com a qual já realizava consultas por um longo tempo.

⁶ A psicóloga da mãe no texto será identificada por AA

O pedido insistente de atendimento individual com a mãe da cliente e o envolvimento de outra profissional da área de psicologia foram propulsores para que a consulta fosse agendada com AB, no entanto, com o consentimento da filha.

5.2 *Uma entrevista com a mãe*

Ao receber AB, mãe de AS no consultório, antes mesmo de qualquer fala inicial, a psicóloga solicitou que não fosse relatado nenhuma questão que viesse a comprometer o atendimento com a filha, ou seja, que não revelasse nenhuma história que precisasse ser mantida em segredo.

Este pedido foi feito apenas por precaução, pois em momento algum a terapeuta desconfiava que pudesse existir algum segredo numa família aparentemente aberta, flexível e que se mostrava tão alternativa. Tornar-se confidente de um segredo da mãe, no momento em que a terapia era individual com a filha, não parecia uma atitude ética da profissão e muito menos confortável pra quem escutava.

Sem constrangimento, AB sorriu e afirmou que gostaria de contar apenas alguns fatos da sua história familiar para que pudesse auxiliar no tratamento da filha. E assim começou contando a história de seus avós maternos que vieram de Portugal tiveram onze filhos, passaram por muitas dificuldades financeiras e por isso sua mãe, aos oito anos de idade, teve que trabalhar para ajudar nas despesas da casa.

Seus pais se casaram, após se conhecerem no hospital em função das visitas que realizavam a alguns irmãos de ambos que sofriam de cardiopatia congênita. O casal teve cinco filhos no total, o pai era caixeiro viajante e numa dessas viagens a mãe teve um relacionamento extraconjugal com um policial da cidade ocasionando o nascimento do primeiro filho que, embora não fosse biologicamente do pai de AB, o mesmo assumiu a paternidade, tornando-se filho do casal. Em seguida nasceu AB.

Esta história foi mantida em segredo até a morte de sua mãe (avó da cliente) e AB comenta “nunca podemos saber o que era fantasia ou realidade, pois minha mãe nunca revelou seu segredo quando estava conosco... agora entendo seus episódios de ansiedade, mágoa, depressão e irritabilidade com as coisas do cotidiano”.

Neste momento, AB foi questionada pela psicóloga se sua filha AS sabia deste episódio mantido em segredo pelos familiares. Sua resposta foi afirmativa, embora não se

comentasse muito sobre esse assunto já que havia se passado muito tempo e a vida havia tomado seu fluxo natural.

Quanto a sua infância, AB relata que passou por momentos difíceis relacionados à saúde, pois nasceu com uma deformidade em uma das pernas. Devido a isso, frequentou muitos hospitais quando criança, realizando várias cirurgias e se adaptando a diversos tratamentos. Sua frequência em hospitais pode ter ajudado em sua escolha profissional, já que se formou na área da saúde.

Relatou ter tido muitos namorados, embora gostasse também de pessoas do mesmo sexo. Namorou durante dois anos o pai de AS, mas acabou indo morar com outras duas companheiras. Sempre teve como filosofia de vida construir uma “família alternativa” em que “os filhos viriam para serem criados de uma forma mais saudável e libertadora... uma área de terra comum a todos, com escola, agricultura, música, lazer,... mais natural e junto à natureza”.

Com a finalidade de manter este ideal de família, acordou com suas companheiras que engravidariam juntas para que pudessem criar seus filhos numa “comunidade alternativa”. Nesta perspectiva, AB começou a ficar com alguns rapazes, até que numa noite conheceu um músico num bar com o qual teve uma única relação sexual e engravidou de AS.

Com 20 semanas de gravidez AB foi ao encontro do músico, pai biológico da criança, e contou de sua gravidez. Ele ficou muito assustado, pois era noivo de outra mulher e estava para se casar. Em função também desta condição, AB reafirmou que não esperava que ele assumisse o filho, mas que precisava simplesmente que ele soubesse que iria ser pai.

A gravidez foi muito desejada e AB estava feliz por ter sido a primeira das amigas a engravidar. Convidou então seu antigo namorado DI para ser o pai da criança e este aceitou já que sempre quisera ter um filho.

Neste momento parecia que o tempo havia parado no consultório. A psicóloga se viu traída diante de um segredo que acabara de ser revelado pela mãe de sua cliente. Tentou ainda indagar com a mãe o propósito desta revelação e a mesma afirmou que chegara a hora certa de revelar já que podia contar com o apoio profissional da psicóloga.

Relatou que estava cansada de viver com este segredo guardado dentro de si e que não queria repetir a história de sua mãe que também guardou um segredo em vida. Sentia-se

espiritualmente perturbada e necessitava abrir seu coração naquele momento para que sua alma pudesse ser limpa.

Sem dúvida este era um segredo nocivo conforme a temática de Imber-Black (1994), tinha longa duração e exigia um trabalho cuidadoso por parte do terapeuta para lidar com a revelação e suas conseqüências. Poucas pessoas da família sabiam: o pai (adotivo), a mãe, a companheira da mãe, e a madrinha de AS. Nem mesmo a esposa do pai e os irmãos de AS conheciam o segredo.

Ainda assustada e transtornada com a situação, a terapeuta se perguntou: e agora, o que fazer com isso? Havia se instaurado uma questão ética e relacional, pois a psicóloga passou a guardar consigo um segredo referente à história de sua cliente. Sentiu-se como diria Imber-Black(1994) como alguém que “sabe” do segredo mas que “não deveria saber”, surgindo em certos momentos um senso de culpa por ter realizado tal entrevista com a mãe de AS.

Sob a visão de Boscolo e Bertrando (2000), a ética profissional é de suma importância na terapia, de respeitar genuinamente o cliente, sua dignidade e a responsabilidade que assume diante da sua vida. O peso e a responsabilidade de carregar este segredo por alguns instantes pesaram no ombro, ou melhor, no estômago da psicóloga. Naquele momento parecia um desrespeito à cliente guardar um fato tão importante da sua história, mas por outro lado, não cabia à psicóloga revelar.

A trama parecia armada. AB disse que foi instruída por AA, sua terapeuta, a tomar a decisão de revelar à psicóloga da filha o segredo. Pareceu que a intenção de ambas seria que a psicóloga da filha pudesse desvendar para a cliente sua verdadeira paternidade. Não obstante, AB entregou o telefone de sua psicóloga para qualquer esclarecimento e disse que ela já estava aguardando um contato.

5.3 Um telefonema com a psicóloga da mãe biológica

Alguns dias se passaram até que toda essa história pudesse ser digerida com um pouco mais de calma e clareza, afinal um turbilhão de sentimentos haviam sido despertados na psicóloga após a consulta com a mãe de AS.

Procurando entender melhor a situação, investigar uma segunda opinião profissional e contar com o apoio da psicóloga da mãe, o contato telefônico foi feito com AA. A voz de

imposição vinda do outro lado da linha afirmava que a melhor escolha neste momento seria que AS soubesse do segredo pela própria psicóloga já que havia um vínculo estabelecido.

Papp (1994), afirma que questões sobre quem deve revelar o segredo, a quem e sob quais circunstâncias, devem receber grande atenção do terapeuta. Na maioria dos casos, é melhor que a pessoa que mantém o segredo, no caso a mãe da cliente ou o pai, revele-o diretamente à filha, sem permitir que uma terceira pessoa transmita a informação.

Posicionando-se contra a atitude impositiva e inadequada de AA esta terapeuta perguntou: “você tem noção de que me colocou numa sinuca de bico? Você tem idéia de que pode sim ter afetado o vínculo que tenho com minha cliente?”. Uma pequena risada foi escutada do outro lado da linha.

O tempo parecia curto para qualquer tomada de decisão, pois após a consulta com a mãe e toda essa revelação vinda à tona, estávamos no final do mês de novembro e a mãe de AS viajaria para Nova York com sua companheira na semana seguinte.

A fim de buscar auxílio de outros profissionais e apoio técnico o caso foi levado para supervisão clínica. A psicóloga foi orientada a conversar com sua cliente AS a respeito da revelação feita pela mãe sem, no entanto entrar no conteúdo da mesma. Este diálogo parecia essencial para ambas (profissional e cliente), já que a situação não era confortável para nenhuma das duas.

5.4 Retomando a terapia com AS

As consultas que se procederam com AS foram bem tensas. Embora ela não tivesse curiosidade em saber os motivos que levaram a mãe a procurar à psicóloga, o processo terapêutico parecia truncado já que a terapeuta guardava consigo um segredo sobre a sua cliente.

Colocando-se no lugar de AS, parecia não ser nada cômodo, nem confortável saber que sua psicóloga, com a qual mantém uma relação de confiança, apoio e vínculo, esconde um segredo de sua história. Portanto, do ponto de vista ético, foi necessário que a terapeuta comentasse com a cliente que havia sido revelado um segredo durante a consulta com sua mãe.

Além da psicóloga, o namorado de AS foi uma rede de apoio essencial. Namoravam há sete anos e também para ele foi uma surpresa imaginar que pudesse existir um segredo

naquela família. Durante todo o processo AS pôde contar com o carinho e a atenção de seu companheiro que muitas vezes foi buscá-la na terapia enquanto não se desvendava o segredo. Neste momento o namorado era alguém com quem podia contar, desabafar e chorar.

A notícia da existência de um segredo familiar foi recebida por AS com grande espanto e admiração. Primeiramente pensou que o pai ou uma das mães pudesse estar com alguma doença. A psicóloga então foi mais incisiva afirmando que o segredo revelado era em relação à história de vida dela e de sua mãe AB.

Começou uma fase de questionamentos, que em geral é necessária para que se possa refletir sobre as conseqüências da revelação (IMBER-BLACK, 1994). Além de doenças AS imaginou que pudesse ser adotiva, mas recordou de fotos da mãe grávida. Indagou também sobre quem poderia saber desse segredo e o espanto foi ainda maior ao ouvir da psicóloga que o pai também era responsável pelo sigilo guardado ao longo desses anos.

Era notável que o mundo de AS parecia estar se abrindo como ranhuras em solo de terra seca. Imber-Black (1994) diz que a existência de um segredo nocivo distorce a comunicação na família. Os membros tornam-se surdos, cegos e mudos com relação às informações. AS recordou de momentos em que a mãe fugia de perguntas feitas por ela ainda criança como, por exemplo, “com quem eu sou parecida mãe?”. Estranhava sua cor de cabelo ruivo não encontrando na família alguém com quem se identificar.

Relatou também sempre sentir uma angústia ao notar que a mãe desviava olhares e tinha dificuldade de enxergá-la de frente. Este período de lembranças e descobertas foi marcado por algumas “fichas que caíam” enquanto que, por outro lado, um novo arsenal de dúvidas surgia.

As mães de AS já haviam embarcado para Nova York. Ao receber a notícia de que o pai também sabia do segredo, fez com que ela resolvesse passar naquela semana pela casa do pai a fim de tentar um esclarecimento da situação. Após lembrar-se das fotos da mãe grávida, AS levantou a hipótese de seu pai não ser seu pai biológico.

Já na casa do pai, numa conversa privada, AS perguntou: “pai eu soube que existe uma história de segredo na nossa família, isso é verdade? O pai a questionou sobre quem havia contado isso a ela e a mesma revelou ao pai que a mãe havia visitado sua psicóloga. Sem relutar, o pai confirmou a existência do segredo e AS continuou: “é o que eu estou pensando pai”? E ele: “O que você está pensando filha?” Nesse momento a cliente disse ter sentido um

aperto no peito e já um nó na garganta, pois estava quase certa que sua hipótese se confirmaria e indagou: “eu não sou sua filha biológica?” e a resposta foi afirmativa.

Finalmente o segredo havia sido revelado por um membro da família!

Segundo AS o pai relatou que não achava necessário que se tocasse nesse assunto, pois para ele AS sempre será filha, independentemente do vínculo sanguíneo e se colocou à disposição para outras dúvidas que surgissem com o passar do tempo.

A revelação fez com que pai e filha se unissem ainda mais. Ambos pareciam inseguros e temiam um rompimento na relação. Para firmar o amor e o carinho que sentem um pelo outro AS tatuou a inicial do sobrenome do pai no próprio corpo.

Era véspera de Natal e AS viajou com o namorado para outro Estado a fim de visitar alguns parentes. As mães voltariam de Nova York e a encontrariam naquela cidade. Ao encontrar-se com a mãe, mesmo já sabendo do segredo, AS manteve-se calada, pois gostaria que a mãe viesse pessoalmente contar e dar algum tipo de explicação.

Passaram-se aproximadamente dez dias após o retorno da viagem e a angústia se misturava com a tristeza e a raiva da mãe que fingia nada ter acontecido. AS constatou que precisava ela mesma entrar no assunto da revelação com a mãe e a chamou para uma conversa perguntando: “quando você vai me falar que meu pai não é meu pai biológico?” e a mãe questionou: o que você quer saber filha? E assim se deu uma longa conversa entre as duas.

Neste momento vários sentimentos afloraram em AS. A raiva e o rancor se misturavam com o amor pela mãe e sua necessidade de querer entender não apenas o conteúdo do segredo, mas também os motivos que levaram a guardá-lo durante todos estes anos. Sentiu um “abuso” e uma “mágoa muito grande” pela simplicidade com que a mãe contava os fatos, como se falasse “do frango que preparou para o almoço”.

Segundo Mason (1994), o que se mantém secreto frequentemente produz vergonha, ao oposto de assuntos verdadeiramente privados. O privado diz respeito a algo íntimo que não se quer expor. Já o secreto implica segredo, cuja revelação em geral, causa sentimentos de culpa, vergonha e envolve poder, pois esconde algo fundamental a respeito de outrem.

No caso, AS não conseguia entender as razões que levaram sua mãe a esconder uma parte tão fundamental de sua história durante tanto tempo, principalmente por tratar-se família que se dizia alternativa e aparentemente sem preconceitos. Tinha consciência de que a

vergonha não era o principal motivo, mas sim a hierarquia e o poder que a mãe ocupava na família, com aquele segredo.

Os acontecimentos foram se encaixando e os segredos se revelando. Passaram-se alguns dias e AS encontrou em seu guarda roupa um envelope deixado pela mãe. Neste, continha uma carta que explicava, em quatro páginas digitadas no computador, toda a história da mãe, inclusive a revelação do segredo. AS imaginou que a mãe tivesse deixado o envelope antes de viajar e se assim fosse a descoberta do segredo viria através de uma simples carta.

Deixar a carta no guarda roupa não foi uma atitude que AS tenha aprovado. “Ela não foi capaz de entregar na minha mão”, relata. Discordou com o jeito simples da mãe em lidar com os fatos e não externalizar seus sentimentos. “Ela teve a oportunidade de fazer diferente, de olhar nos meus olhos, de me contar pessoalmente e não fez”. Além do mais, não se conformou da mãe manter a carta digitada gravada no computador sabendo que AS poderia em qualquer dia, a qualquer momento lê-la, já que o computador era usado coletivamente pela família.

Durante algumas semanas o foco terapêutico estava voltado aos sentimentos ambíguos de amor, raiva, confiança, descrédito, proteção e abandono. Para AS era inaceitável que sua mãe fosse guardiã de tamanho segredo por todos esses anos. Parecia, em alguns momentos, esquecer-se das pessoas aliadas ao pacto de silêncio.

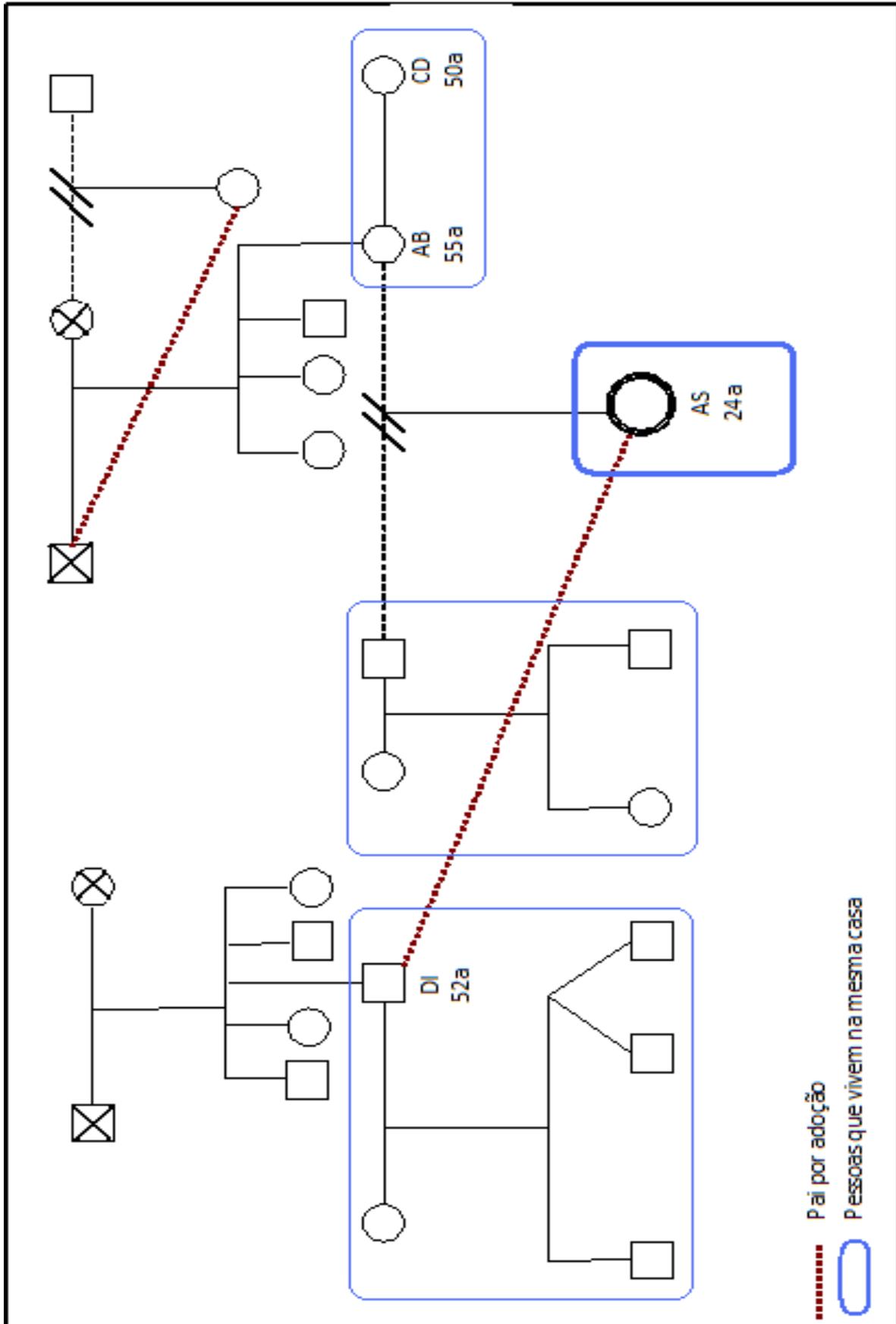
AS teve interesse em pesquisar no Orkut, página de internet, uma foto e a história do pai biológico. Sentia-se abandonada por ele saber que tinha uma filha e jamais tê-la procurado. Por outro lado sentia raiva e não gostaria que ele a procurasse. Notou pelas fotografias do site de relacionamentos que o pai biológico é casado e construiu uma família com dois filhos. Foi cautelosa, pois sabia que sua aparição poderia destruir uma família inteira e pensando nas crianças, optou por não procurá-lo pessoalmente.

A decisão quanto à procura do pai biológico pôde ser tomada apenas por AS. Hartman (1994) descreve que a busca em geral é assumida, após longos períodos de conflitos, com todos os intensos sentimentos criados. A iniciativa da busca gerou em AS certo sentimento de deslealdades para com o pai adotivo, embora soubesse do direito que tinha em buscar o paradeiro de seu pai biológico.

Com o tempo as mágoas foram diminuindo, outras conversas com a mãe foram necessárias para esclarecer dúvidas que, até hoje, surgem na relação. Mãe e filha parecem

atualmente se olhar, respeitar e comunicarem-se mais, demonstrando como afirma Imber-Black (1994), que após a revelação de um segredo é necessário um grande trabalho para a restauração da confiança e da raiva. Por opção da cliente, após um período de recesso com a terapia e recente retorno da mesma, hoje não se fala no assunto do segredo. Pode-se imaginar que o processamento sobre esta temática está sendo mais interno e é preferível respeitarmos seu tempo individual. Há poucos dias, enquanto este trabalho já estava sendo escrito, AS sentiu que realmente foi uma filha muito desejada. Vieram em sua lembrança, dois abortos realizados pela mãe e pelo pai DI enquanto eram namorados. Este fato fez com que ela percebesse o quanto o pai a ama já que assumiu uma filha que não era biológica, enquanto que em outras épocas o casal abortou filhos biológicos.

6. Genograma da família



7. IMPRESSÃO PESSOAL DO TERAPEUTA

O consultório psicoterápico onde foram realizados os atendimentos situa-se próximo a uma Universidade e por isso, não é raro aparecerem casos em que se percebe a necessidade de trabalhar o ciclo de vida do jovem adulto. Em geral, a demanda é de pessoas que recém entraram na academia e se vêem cobertos por dúvidas referentes à escolha profissional e excessos de responsabilidades que antes eram realizadas ou divididas com os pais e familiares.

No caso apresentado, inicialmente não parecia ser diferente. Uma jovem de 21 anos de idade que vivia um momento agitado em função do estresse acarretado pela Universidade e suas conseqüentes atividades de provas e trabalhos. Ter uma demanda de clientes com este perfil provocou na terapeuta sentimentos de potencialidade e experiência prévia, ou seja, aparentemente parecia ser “só mais um caso” de jovem adulto indo em busca de suas escolhas e independência profissional, emocional e financeira.

No entanto, havia um diferencial em AS que chamou a atenção da psicóloga desde o início: sua coragem, garra e força de vontade. Com seu espírito desbravador e aventureiro ela buscava, por conta própria, trabalhos no período do verão que permitia certa independência financeira.

Foi possível notar que aquela era uma família alternativa. Quando AS verbalizou a frase “minhas mães” a psicóloga questionou quem seriam essas mães e por fim, apareceu a bissexualidade da mãe biológica e sua companheira.

Vinda de uma família tradicional e estudado em escola católica é inegável que a psicóloga tenha estranhado a bissexualidade das mães no princípio. Sua prepotência em pensar que aquele seria apenas “mais um caso” começou a desmoronar. Respeitar as individualidades e os diferentes contextos familiares que apareciam no consultório foram grandes aprendizados.

Os conhecimentos adquiridos no Familiare Instituto Sistêmico foram de grande valia neste período de atendimento. Com competência ética e profissional os professores sempre transmitiram aos alunos a importância de não atender membros da família em separado

devido à confiança, vínculo e possíveis segredos que por ventura poderiam ser revelados. Este ensinamento, proporcionado pelos professores foi essencial quando a mãe da cliente ligou querendo agendar uma entrevista individual. A psicóloga sabia dos riscos que corria caso atendesse mãe e filha separadamente. Porém a insistência da mãe e, principalmente, o envolvimento de sua psicóloga que também solicitava um contato, fizeram com que a terapeuta da filha agendasse a entrevista.

Em momento algum se pôde desconfiar que a mãe pretendesse revelar um segredo, no entanto certo cuidado foi tomado solicitando, logo no início da entrevista, que não revelasse nenhum fato que precisasse ser mantido em sigilo com AS. Enquanto escutava a mãe, a psicóloga freqüentemente se perguntava: “o que ela pretendia vindo até aqui”?

Dito e feito! O segredo veio à tona e - transferencialmente falando - como quem não ouve conselhos da própria mãe, a psicóloga lembrou-se das sábias orientações de sua professora no decorrer das aulas. Não tinha dúvidas de que seria importante que AS soubesse de tal segredo, por mais dolorido que fosse, já que dizia respeito a sua origem. Por outro lado, para a profissional era difícil compreender os motivos que levaram a mãe a mexer neste formigueiro após 21 anos.

O tempo parecia ter congelado no “*setting*” terapêutico. Os professores haviam citado os riscos de se atender pessoas da mesma família separadamente, mas o frasco contendo o “antídoto” para lidar com a revelação não estava ao alcance da psicóloga. Por isso, foi agendada uma supervisão.

A supervisão foi de fundamental importância neste processo e ocorreu com a professora e um grupo de psicólogas. Compartilhar o segredo com a mãe de sua cliente causava-lhe certa angústia e impotência. A terapeuta sentia-se sozinha e precisava dividir sua experiência com colegas para assim escutar outras opiniões profissionais, sair do contexto em que estava inserida e obter uma visão mais ampla do quadro.

Retomar a terapia com AS, sendo cúmplice de um segredo revelado pela mãe, foi uma tarefa árdua e nada confortável. A psicóloga sentia como se estivesse traindo sua cliente por não poder revelar e assim manter o segredo. Em momento algum a terapeuta quis estar no lugar de AS, em contrapartida, muitas vezes se colocou no lugar dela para poder, com sensibilidade e empatia, lidar com os fatos.

Pouca experiência a psicóloga tinha nesta área e por isso foi em busca do filme “Segredos e Mentiras” para investigar como se dão os relacionamentos diante do sigilo e da revelação. Na prática, o caso não parecia ser diferente, era notável a presença de dúvidas, falta de comunicação entre mãe e filha, ausência de conversas olho a olho e sentimento de amor misturado com raiva e tristeza.

Emocionada e sensibilizada com o sofrimento de sua cliente, por vários momentos a psicóloga também sentiu raiva da mãe e, parafraseando AS, ela também gostaria que a mãe tivesse feito de outra forma. No final, foi uma história emocionante de excelente aprendizado que, do contrário, não seria tema de um trabalho de conclusão de curso. Dos diversos casos que surgiram no consultório, este sem dúvida constituiu-se num dos mais empolgantes e intrigantes do ponto de vista teórico e prático.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segredos familiares é um tema intrigante que costuma causar curiosidade nas pessoas, em especial nos profissionais que trabalham com famílias, pois significa lidar diretamente com a sensibilidade humana e envolve sentimentos ambivalentes e confusos.

A existência de um segredo afeta as relações interpessoais, ocasionando rompimento dos vínculos e desestabilizando a funcionalidade do sistema. A revelação por um lado pode trazer efeitos dramáticos no contexto familiar e por outro, restaura a confiabilidade nos relacionamentos. De qualquer forma, um trabalho psicoterápico é necessário para lidar com os sentimentos e sintomas que possam surgir decorrentes do segredo e sua revelação.

Os conteúdos dos segredos possuem diferentes significados para cada família e para cada terapeuta. Por derivarem de concepções que envolvem crenças sociais, culturais e religiosas, foi imprescindível que a psicóloga examinasse seus próprios valores a fim de construir uma metodologia ética e eficaz para tratar do tema com a cliente. Durante o processo terapêutico com AS e enquanto ela elaborava seus sentimentos decorrentes da revelação, a psicóloga também foi se enriquecendo pessoal e profissionalmente mudando sua maneira de pensar, agregando novos conhecimentos e aprendendo mais a respeito da vida e da prática clínica.

A experiência da prática clínica é, sem dúvida, desafiante para o psicólogo que muitas vezes se depara com questões que geram impasse não somente ético, mas também emocional. Por isso, é fundamental que todo o profissional que atua nesta área e atende famílias, faça também sua própria terapia a fim de evitar ressonâncias ou paralisações no decorrer do processo terapêutico com seu cliente.

No trabalho com famílias é comum surgir o tema segredo que, embora complexo, também é atraente e curioso. Quando se atende individualmente, muitas vezes aparece o pedido de entrevistas paralelas com a família. Na perspectiva sistêmica, mesmo que traga grandes aprendizados, o psicólogo deve estar atento para não cair, como no caso exemplificado, em armadilhas que possam prejudicar vínculos com seu cliente e levantar questões éticas pertinentes à revelação de segredos.

Guardar um segredo contendo fatos importantes da vida de sua cliente, não foi tarefa fácil para a psicóloga. Isso causou um desafio ético na terapia já que a revelação não cabia à profissional. Dizer para AS que existia um segredo, sem no entanto revelá-lo foi uma decisão de bom senso para assim ajudá-la com seus questionamentos e, por conta própria, ir em busca de seu conteúdo.

Fotos de família, em especial da mãe grávida, ajudaram a jovem a levantar a hipótese de seu pai não ser seu pai biológico. A idéia de utilização de fotos como técnica psicoterápica facilitou as lembranças: abriu portas para o que ela não podia perceber, para o conhecimento proibido. Deste modo a terapeuta pôde manter a lealdade e aliança terapêutica com sua cliente evitando esconder dela informações relevantes sem, no entanto, obedecer às expectativas da mãe de ser a porta voz do segredo. A supervisão com outros colegas profissionais foi essencial neste processo.

Enquanto este trabalho estava sendo desenvolvido, outro caso de segredo apareceu no consultório. Neste, pai e mãe procuravam ajuda da psicóloga para revelar, à filha de 11 anos de idade, sua verdadeira paternidade.

Assim como este, certamente muitos outros casos de segredo surgirão na prática privada daqueles que trabalham com indivíduos ou famílias. Espera-se poder contribuir com a experiência adquirida com o caso anterior, chamando especial atenção para as questões relativas à ética profissional, a necessidade de respeitarem-se as características específicas de cada caso e o ritmo pessoal das pessoas envolvidas com os segredos e com o processo de revelação dos mesmos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AYLMER, R. C. O Lançamento do Jovem Adulto Solteiro. In: Carter, B.; McGoldrick, M. As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para terapia familiar. Trad. De Maria Adriana Veríssimo Veronese. 2ª Ed. Porto Alegre: Artes médicas, 1995, p.144-166.
- BOSCOLO, L.; BERTRANDO, P. Terapia Sistêmica Individual. Trad. Federico Villegas. Buenos Aires: Amorrortu, 2000.
- BOWEN, M. De La Familia Al Individuo: La diferenciación del si mismo em el sistema familiar. Barcelona: Paidos, 1979.
- CAPRA, F. A Teia da Vida: Uma Nova Compreensão Científica Dos Sistemas Vivos. São Paulo: Cultrix, 1996.
- CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para a terapia familiar. Trad. De Maria Adriana Veríssimo Veronese. 2ª Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- DUQUE, D. F. A Exploração do Passado em Terapia de Casais – (Re) Descobrimdo a Criança do Adulto. **Revista pensando Famílias**, Porto Alegre, n.9, p.81-90, Nov.2005.
- GIL, A. C. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 4ª ed. São Paulo: Atlas S/A, 2000.
- HARTMAN, A. Segredos na adoção. In: Imber-Black, E. e col. Os Segredos na Família e na Terapia Familiar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- IMBER-BLACK, E. Segredos na Família e na Terapia Familiar: Uma Visão Geral. In: Imber-Black, E. e col. Os Segredos na Família e na Terapia Familiar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- LAIRD, J. Segredos das Mulheres – Os Silêncios das Mulheres. In: Carter, B.; McGoldrick, M. As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para a terapia familiar. Trad. De Maria Adriana Veríssimo Veronese. 2ª Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p.245-268.
- MCGOLDRICK, M. S. W. As Mulheres e o Ciclo de Vida Familiar. In: Carter, B.; McGoldrick, M. As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para a terapia

- familiar. Trad. De Maria Adriana Veríssimo Veronese. 2ª Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p. 30-64.
- MCGOLDRICK, M. S. W.; GERSON, R. Genetogramas e o Ciclo de Vida Familiar. In: Carter, B.; McGoldrick, M. As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para a terapia familiar. Trad. De Maria Adriana Veríssimo Veronese. 2ª Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p. 144-164.
- MASON, M. J. Vergonha: Reservatório para os Segredos na Família. In: Imber-Black, E. e col. Os Segredos na Família e na Terapia Familiar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- MENDONÇA, J. D. C. Morte e a Jornada do Luto Familiar. Florianópolis, 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia para título de especialista em terapia de casal e família) – Familiare Instituto Sistêmico.
- MINUCHIN, S. Famílias: Funcionamento e Tratamento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.
- PAPP, P. O Caruncho no Broto: Segredos entre Pais e Filhos. In: Imber-Black, E. e col. Os Segredos na Família e na Terapia Familiar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, p. 76-93.
- PAPP, P. O Processo da Mudança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- RECH, T. Segredos Familiares: uma complexa trama relacional. Porto Alegre: Free Press, 2007.
- VASCONCELLOS, M. J. E. de. Pensamento Sistêmico: O novo paradigma da ciência. Campinas: Papirus, 2002.
- WALDOW, D. Concepções do Pai acerca da Prematuridade do seu Filho. Florianópolis, 2007, 166p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina.

Apêndice 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada a participar como voluntária, do Trabalho de Conclusão de Curso, desenvolvido pela Psicóloga Viviane Cruz Perugini que se encontra em curso de Especialização em Terapia Relacional Sistêmica no Familiare Instituto Sistêmico.

O trabalho tem como estratégia desenvolver um estudo de caso clínico e pretende identificar alguns dos aspectos emocionais abarcados nas relações familiares diante da revelação de um segredo. É necessário para que a partir do conhecimento acerca desses segredos possamos pensar em como lidar com a ética profissional do Psicólogo clínico que se depara diante da revelação no consultório e na terapia familiar.

O estudo de caso é uma investigação exploratória e descritiva que assume uma situação particular específica e procura descobrir nela o que é de essencial e característico para proporcionar maior nível de profundidade (Gil, 2002). Isto não lhe trará riscos e desconfortos, mas espera-se que traga benefícios relacionados a ajudar na prática diária dos terapeutas de família.

Sua participação não é obrigatória e a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo com relação à Psicóloga pesquisadora. É garantido que seu nome, assim como das pessoas envolvidas no caso, serão mantidos em absoluto sigilo.

Após ler o presente Termo de Consentimento e aceitar participar da pesquisa, peço que o assinie.

Eu, _____ abaixo assinado, declaro através deste instrumento, meu consentimento para participar do estudo de caso sobre Segredos Familiares. Declaro que estou ciente de seus objetivos e método, bem como de meu direito de desistir a qualquer momento, sem penalização alguma e/ou prejuízo ao cuidado que recebo. Autorizo o uso de gravador para registro caso seja necessário.

Nome: _____

Assinatura _____

RG: _____

Assinatura do pesquisador: _____

Florianópolis, ____ de _____ de 2008.